Dia 4 — São Domingos, Confessor, Fundador da Ordem dos Pregadores

São Domingos, destinado pelo céu a ser, por si mesmo e por meio de seus filhos, luz do mundo cristão, uma das mais fortes colunas da Igreja, apoio da fé e da religião, reformador dos costumes e açoite dos hereges, nasceu no ano de 1170 em Caleruega, pequeno povoado de Castela, a Velha, no bispado de Osma. Foi seu pai Félix de Gusmão, da ilustre e antiga casa dos Gusmões, tão distinta na Espanha pelos grandes serviços que prestou ao Estado como por suas alianças com as primeiras casas da Europa. Sua mãe, dona Joana de Aza, de cujos famosos antepassados faz a história da Espanha tão honrosa menção, foi ainda muito mais recomendável por sua grande virtude do que por sua qualificada nobreza. Foi Domingos o terceiro de seus filhos; e, achando-se grávida dele, sonhou que dava à luz um cãozinho com uma tocha acesa na boca, que enchia de luz e de claridade toda a terra. Muito em breve declararam e justificaram o verdadeiro sentido desta misteriosa visão a doutrina e o imenso zelo de nosso santo, confirmando-se depois com outra mais clara que teve a virtuosa senhora; porque, fazendo uma novena na igreja de São Domingos de Silos, implorando seu favor para um feliz parto, o santo lhe apareceu e assegurou-lhe que daria à luz um filho que seria tocha do mundo cristão e consolação da Igreja.

Desde logo anunciaram os primeiros dias de Domingos o que ele havia de ser com o andar do tempo. Não se notou nele nenhuma das puerilidades tão ordinárias nas outras crianças. Estando ainda em poder da ama que o criava, levantava-se silenciosamente de noite para empregar em oração o tempo que furtava ao necessário descanso. Por sua bela índole, por seu gênio brando e dócil, por seu coração terno e amoroso e por sua afabilidade era a admiração de todos os seus parentes e as delícias de sua nobilíssima família. A natural inclinação que mostrava à virtude tornou quase ocioso o cuidado da educação. Encarregou-se dela um tio seu, arcipreste da igreja de Gumiel de Izán; e seu maior desvelo era pôr freio ao seu fervor e moderar sua excessiva aplicação ao estudo.

Concluída a gramática, enviaram-no à universidade de Palência, que então era uma das mais célebres da Espanha e foi a mesma que com o tempo se trasladou para Salamanca. Fez tão grandes progressos nas faculdades maiores que em menos de seis anos era um dos teólogos mais hábeis; mas, à medida que se fazia mais sábio, fazia-se também mais santo. Jejuava muitos dias da semana, macerava sua carne com rigorosas penitências, sua cama era a dura terra, dormia pouco e passava em oração uma parte da noite. Ninguém foi mais senhor de seus sentidos. Tinha feito pacto com os olhos de não olhar para mulher alguma. Sua modéstia ia anunciando sua pureza; e

por sua extrema delicadeza neste ponto pode-se julgar que mereceu ser um dos mais favorecidos da Rainha das virgens, a quem professou tão terna devoção, como depois o acreditaram seus portentosos efeitos.

Ainda não havia acabado seus estudos quando uma cruel fome, que desolou toda a Espanha, lhe deu ocasião de mostrar sua ardente caridade. Tendo gastado com os pobres todo o dinheiro que tinha, desfez-se de todos os seus móveis, vendendo até seus próprios livros para socorrê-los; e, não tendo mais que dar, quis dar-se a si mesmo para resgatar do cativeiro o filho de uma pobre mulher que lhe pediu esmola para resgatá-lo. Ficou atônita a aflita mulher ao ouvir semelhante proposta; e somente porque ela nunca quis consentir nisso deixou o santo de ser escravo para que o outro ficasse livre.

Não se limitava sua caridade às necessidades do corpo; estendia-se com maior ardor às espirituais da alma. Possuía em grau eminente o talento da pregação, e não havia quem resistisse ao Espírito Santo, que falava por sua boca. Quer o fizesse do púlpito, quer nas conversações familiares, não havia coração tão duro que não se abrandasse e não se convertesse ouvindo as palavras de Domingos. O primeiro fruto de seus sermões foi a conversão de um jovem fidalgo chamado Conrado, o qual, tendo entrado na Ordem de Cister, foi com o tempo promovido por seu mérito à púrpura cardinalícia.

Apesar de ser ainda tão jovem nosso santo, era consultado como o diretor mais experimentado nos caminhos da salvação e, não obstante seus poucos anos, era tido pelo oráculo da universidade de Palência e de toda a Espanha. Por esta grande reputação moveu-se dom Diogo de Azevedo, um dos maiores prelados de seu tempo, a prover nele o arcediagado de Osma, de cuja igreja era bispo e que acabava de converter em cabido de cônegos regulares. Necessitava de algum poderoso apoio a nova reforma. Foi Domingos a alma dela, e com sua vida exemplar cimentou maravilhosamente a recém-nascida regularidade. Aumentou seus jejuns, prolongou suas vigílias e dobrou todas as outras penitências. Com a frequente leitura das Colações de Cassiano tomou a resolução de copiar em si mesmo as mortificações dos antigos padres do ermo. Impôs-se a lei de tomar todas as noites três disciplinas com cordas entretecidas de pontas de ferro, e excedeu em seus rigores aqueles grandes exemplos de penitência.

Mas não havia Deus formado este novo apóstolo somente para a igreja de Osma. Escolhido e destinado a anunciar a palavra de Deus às nações e a pregar a penitência aos pecadores, percorreu muitas províncias da Espanha, fazendo em todas incrível fruto; e, ao mesmo tempo que destruía os vícios, dissipava os erros com que a haviam infeccionado os hereges e os maometanos. Um dos efeitos de sua primeira missão foi a ruidosa conversão do heresiarca Reiner, seguindo-se a esta insigne conquista a reforma geral dos costumes. Foi chamado a Palência para ler publicamente numa cátedra de teologia, e nela tornou visível a facilidade com que se pode irmanar uma elevada sabedoria com uma eminente virtude.

Entretanto, porém, a messe clamava por operários; e, sepultados os povos nos vícios ou no erro, estendiam as mãos, implorando o socorro de Domingos. Ordenou-o sacerdote o bispo de Osma, e ele, deixando Palência, deu princípio a uma segunda missão, penetrando até os últimos povoados do reino da Galiza. Não sendo as igrejas capazes de conter os imensos auditórios, via-se obrigado a

pregar nas praças e nos campos. Pregava um dia junto à beira do mar, quando, saltando em terra uns piratas, o prenderam e o levaram ao navio, onde, não contentes com ultrajá-lo com palavras, o maltrataram a pauladas e com cruéis açoites de varas. Sua invencível paciência irritava ainda mais o furor daqueles bárbaros; mas nem por isso deixou de intentar sua conversão. Já estavam para lançá-lo ao mar, quando de repente se levantou uma desfeita tormenta, em que temeram tão próximo como inevitável o naufrágio. Reconheceram ser castigo do céu pelos maus-tratos que faziam ao servo de Deus; lançou-se a seus pés toda a tripulação, prometendo converter-se; e no mesmo ponto sossegou a tempestade. Deixaram o santo no primeiro porto; e o fruto de seu cativeiro e de sua missão no navio foi a milagrosa conversão de todos aqueles infiéis. Sendo tão poderoso em obras como em palavras, percorreu os reinos de Castela e de Aragão. Mudavam de semblante todos os povos em que Domingos pregava, e chegou a reforma até a corte. Ouviu-o dom Afonso, rei de Castela e pai da rainha dona Branca, mãe de São Luís; e, desde que o ouviu, fez tal mudança que foi um dos monarcas mais virtuosos da Espanha.

Tudo pregava naquele homem apostólico. Suas palavras eram centelhas acesas do divino fogo que lhe abrasava o coração; mas sua terna devoção e sua plena confiança na Santíssima Virgem eram, como ele próprio confessava, o principal segredo de que se valia para a conversão dos pecadores e dos hereges. Foi São Domingos quem introduziu o santo costume de implorar a proteção da Santíssima Virgem ao acabar a saudação dos sermões; e a São Domingos deve a Igreja a piedosíssima e utilíssima devoção do santo rosário. Tendo-o escolhido desde o berço a soberana Rainha de todos os santos para seu especial favorecido, ela mesma lhe ensinou o modo de honrá-la e de reverenciá-la que mais lhe agradava; inspirou-lhe o método e o espírito com que se devia fazer; e a esta excelente devoção, a esta oração tão eficaz, reconhecia-se nosso santo devedor do prodigioso número de conversões com que o Senhor abençoou seu zelo apostólico.

Mas era a Espanha campo muito estreito para as façanhas daquela grande alma, e o céu a chamava a mais dilatadas conquistas. Nomeou o rei de Castela o bispo de Osma seu embaixador junto à corte da França e quis que Domingos fosse em companhia do bispo com o título de seu teólogo de câmara. Passaram pelo Languedoc, onde não puderam ver sem lágrimas os progressos que fazia naquela província a heresia dos albigenses. Terminados felizmente os negócios da embaixada, mas profundamente condoídos pela inopinada morte da infanta da França, que tinham ido pedir e haviam obtido para dom Fernando, infante de Castela, resolveram passar a Roma e solicitar licença do papa Inocêncio III para voltar à França a trabalhar na conversão dos albigenses, ou para passar ao Norte a pregar o Evangelho aos gentios. Determinou-os Sua Santidade ao primeiro partido; e, recebida a sua missão, regressaram à França. Veio-lhes a devoção de visitar Cister, cujo abade, Arnaldo, se juntou a eles; e, chegando ao Languedoc, agregaram-se-lhes também Raul, abade de Fontfroide, e o beato Pedro de Castelnau, monge do mesmo mosteiro.

Talvez nunca se tivesse visto a Igreja da França em tão lastimoso estado. Um monstruoso conjunto de heresias, sob o único nome de albigenses, arrasava desumanamente a vinha do Senhor e fazia sangrenta guerra à sua santa Igreja. Encarniçados os hereges no empenho de abolir os sacramentos, desterrar o culto da Virgem, destruir todo exercício de devoção e aniquilar a hierarquia eclesiástica, levavam tudo a ferro e fogo, sem que se visse outra coisa nas províncias senão as tristes e sacrílegas ruínas dos templos. Reinavam em toda parte a dissolução e a ignorância, desterrado de todas elas o sagrado ministério da pregação, meio eficaz e permanente

para sustentar a religião e para servir como de insuperável dique à torrente da impiedade. A todos estes males a providência de Deus opôs somente o nosso santo. Mal se deixou ver no Languedoc, dissipou-se toda aquela negra nuvem de hereges. Henricianos, petrobrusianos, arnaldistas, cátaros, pifres, patarinos, tecelões, publicanos, passagianos, valdenses e arianos, todos ficaram confundidos, e a maior parte deles convertidos pelo zelo, pelos exemplos e pelos sermões de São Domingos. Antes de dar princípio a toda controvérsia, a toda instrução e a todo sermão, prostrava-se diante de uma imagem da Santíssima Virgem e implorava sua proteção com esta breve, mas bela oração, que a santa Igreja depois adotou: *Dignare me laudare te, Virgo sacrata; da mihi virtutem contra hostes tuos.* «Dignai-vos, Virgem Santíssima, alcançar-me a graça de louvar-vos dignamente; obtende-me virtude e fortaleza para combater e para vencer os vossos inimigos.» Era muito penosa a missão; e, não obstante, resolveu o santo fazer a pé todas as suas viagens, sem dinheiro e sem outra provisão que sua confiança na caridade dos fiéis, opondo este desinteresse apostólico à hipocrisia de alguns hereges que se chamavam «perfeitos», porque afetavam uma pobreza extraordinária. Os que se prezavam de homens sábios e devotos publicaram contra nosso santo muitos libelos cheios de invectivas e de blasfêmias contra Deus, contra a Virgem e contra os santos. Respondeu-lhes Domingos, tanto de viva voz como por escrito; e, como os hereges não tivessem o que replicar-lhe, combinaram pedir-lhe que lhes desse por escrito a sua doutrina. Fê-lo o santo; leu-se seu escrito em pública assembleia; ficaram embaraçados e mudos os hereges, embargando-lhes a voz a força da verdade. Resolveram entregar às chamas o escrito; mas o fogo respeitou a doutrina católica. Prepararam outro braseiro mais aceso, e sucedeu o mesmo que com o primeiro; fizeram terceiro esforço para queimá-lo, e pela terceira vez ficaram confundidos com outro, terceiro, milagre. Se os milagres convertessem os hereges, todos teriam ficado então convertidos. Um só de toda a assembleia alcançou esta dita, para que se publicasse um prodígio que todos haviam conspirado em manter secreto; mas depressa se seguiu a ele outra semelhante maravilha. Disputava um dia em Fanjeaux com aqueles obstinados; um deles tinha molhado em água de alúmen o escrito dos hereges, para torná-lo por este meio incombustível e, confiado nisso, clamou com arrogância e com descaramento que se fizesse a prova do fogo para averiguar a verdade. Acudiu todo o povo, rodeando uma grande fogueira, onde se lançou o escrito do herege, que no mesmo instante ficou inteiramente consumido. Consentiu Domingos que o seu fosse lançado nela, e conservou-se ileso até que toda a lenha se reduziu a cinzas e o fogo se acabou.

Longe de se renderem os inimigos da fé a estas duas vitórias, elas mesmas os tornaram mais furiosos. Muitas vezes maquinaram contra a vida do santo; mas seus intentos só serviram para avivar-lhe mais as ânsias com que suspirava pela coroa do martírio. Movido pelo perigo em que se achavam muitas donzelas nobres, a quem os hereges haviam despojado de seus bens, fundou para elas um mosteiro no povoado de Prouille, perto de Fanjeaux, graças à liberalidade de Berengário, arcebispo de Narbona, e de Fulco, bispo de Toulouse; e foi o primeiro convento de monjas de sua Ordem.

À fama dos grandes e gloriosos sucessos que em toda parte alcançava o zelo de nosso santo, concorreram outros companheiros, desejosos de participar com ele das fadigas de seus trabalhos apostólicos. Percorreu com eles as cidades de Albi, Pamiers, Narbona, Carcassona e Montpellier, como também a maior parte das vilas e aldeias do Languedoc, obrando em todas novos e estupendos milagres. Confirmava os fiéis na fé, mas convertia poucos hereges. Queixou-se disso um dia à Santíssima Virgem, em quem, depois de Deus, tinha posta toda a sua confiança;

apareceu-lhe a soberana Rainha e disse-lhe que, para converter aqueles obstinados, pregasse a devoção de seu rosário. Obedeceu o santo; em vez de controvérsias, começou a pregar o uso desta santa devoção; ensinou ao povo o espírito e o modo com que o havia de rezar; explicou os mistérios, e bem depressa se conheceu a eficácia de tão poderoso socorro. Em pouco tempo teve São Domingos a consolação de ver convertidos mais de cem mil pecadores ou hereges. O exército dos cruzados só servira para endurecê-los mais; e sua conversão foi efeito da poderosa intercessão da Mãe de Deus por meio do santo rosário. Daqui se há de contar propriamente a verdadeira época desta célebre devoção, apoiada em tantos testemunhos nada suspeitos, autorizada com tantos milagres, honrada com tantos privilégios e continuamente aprovada pelas abundantes bênçãos que Deus derrama sobre os que dela sabem aproveitar-se bem.

À vista das maravilhas que o Senhor obrava por meio de nosso santo, como também dos assombrosos frutos que seu zelo produzia, moveram-se muitas cidades a pedi-lo para seu bispo; mas sua profunda humildade o afastou sempre e constantemente de toda espécie de prelazia. Renunciou a um bispado na Galiza, a outro na Bretanha, como também aos de Comminges, Couserans e Béziers. Para aceitar o ofício de inquisidor da fé, foi preciso um preceito do papa. Na verdade, destinava-o a maiores coisas a divina Providência. Desde o ano de 1207 lhe havia Deus inspirado o plano de um instituto religioso que tivesse por fim a pregação do Evangelho, a conversão dos hereges, a defesa da fé e a propagação do cristianismo. Suspendera-se sua execução pela morte do santo bispo de Osma, a quem Domingos o havia comunicado; mas Fulco, bispo de Toulouse, que ia ao concílio de Latrão, encarregou-se de solicitar a aprovação do vigário de Cristo e quis que nosso santo o acompanhasse a Roma. Ainda que o papa Inocêncio III estivesse muito resolvido a não multiplicar as ordens religiosas, tendo visto em sonhos São Domingos como que sustentando sozinho a igreja de São João de Latrão, reconheceu o dedo de Deus no novo instituto e mandou-lhe que dispusesse as regras e as constituições. Morreu nessa ocasião este grande pontífice, e com sua morte pareceu que se haveria de impedir, ou ao menos suspender, o grande intento; mas seu sucessor, Honório III, julgou não poder prestar maior serviço à Igreja do que aprovar o novo instituto, com o nome de Frades Pregadores; e no dia 22 de dezembro do ano de 1216 expediu a bula de confirmação. Este foi o nascimento daquela célebre Ordem, que prestou e está prestando a cada dia tão assinalados serviços à Igreja católica, tendo dado ao mundo cristão sete papas, quarenta e nove cardeais, vinte e três patriarcas, mil e quinhentos bispos, seiscentos arcebispos, quarenta e três núncios, sessenta e nove mestres do sacro palácio, um prodigioso número de célebres doutores, de sábios escritores e uma extraordinária multidão de santos, sendo um dos maiores ornamentos da Igreja.[^1]

Bem depressa experimentou toda a cristandade os maravilhosos efeitos deste importante socorro. Mal se confirmou a nova Ordem, viu o santo fundador seus filhos espalhados por toda a terra, triunfando em toda parte da heresia e em toda parte introduzindo a reforma dos costumes. Quando chegou a Toulouse, teve a consolação de achar quase acabado o primeiro convento de sua Ordem, às expensas da liberalidade do bispo e do conde de Montfort. Persuadida a rainha dona Branca de que devia à devoção do rosário, que lhe aconselhara São Domingos, o nascimento de seu filho, o rei São Luís, fundou em Paris outro convento.

Passou o santo de Paris a Metz, onde fundou um, de que fez prior o beato Estêvão, seu companheiro, e dali tomou o caminho da Itália. Nesta viagem foi apanhado por uns salteadores,

que o trataram com a maior indignidade; mas com sua paciência e com sua doçura os converteu, movendo-os à penitência com suas exortações. Chegando a Veneza com ânimo de ir pessoalmente levar a luz do Evangelho aos bárbaros do outro lado do Ponto Euxino, conheceu a impossibilidade da empresa; e, contentando-se com enviar alguns de seus filhos à Dalmácia e deixando outros em Veneza para fundar um convento naquela cidade, tomou o caminho de Roma. Foi recebido pelo papa Honório com a ternura e a veneração devidas à sua eminente santidade; e logo lhe deu este a igreja de São Sisto, com todas as suas dependências, para que fundasse um convento; o santo cedeu-a às monjas de sua Ordem, e o convento dos frades fundou-o na igreja de Santa Sabina, que o papa também lhe havia concedido.

Ainda que fosse tão grande sua aplicação em pregar ao povo a palavra de Deus, não se limitava precisamente a isso o seu zelo, estendendo-se também a reformar os palácios dos grandes. Encarregou-o o pontífice do cuidado do seu, com o título de mestre do sacro palácio, dignidade que desde então até agora sempre se deu a um sujeito da mesma sagrada Ordem. Mas a paternal solicitude que dedicava ao governo de sua santa família, que em menos de cinco anos contava muitas províncias, e nelas muitos milhares de religiosos, obrigou-o a empreender a visita geral de toda ela. Começou pela Espanha; voltou à França; deteve-se alguns meses em Paris e dali enviou alguns de seus frades à Escócia; percorreu toda a Itália, pregando em toda parte com admiração, vendo em toda parte florescer sua Ordem com esplendor e encontrando em todos os conventos religiosos de eminente santidade.

De volta a Bolonha pela quaresma do ano de 1220, convocou naquela cidade o primeiro capítulo geral; formou nele regras e leis cheias de perfeição, de sabedoria e de prudência; fez quanto pôde para que o exonerassem do generalato, mas inutilmente, porque se viu obrigado a ceder às lágrimas e aos rogos de seus filhos e a continuar nas funções de seu cargo. Depois de ter visitado os conventos da Ordem no Estado eclesiástico, na Toscana e no Milanês, regressou a Bolonha para celebrar o segundo capítulo geral. Neste capítulo dividiu-se toda a Ordem em oito províncias, que compreendiam cinquenta e seis conventos; elegeram-se para elas oito provinciais, todos homens de extraordinária virtude e de sobressalente capacidade; e o santo enviou alguns de seus filhos às províncias do Norte e do Oriente; entre outros, destinou para a Polônia o célebre São Jacinto.

Chamavam a Domingos o Taumaturgo de seu século, à vista dos muitos milagres que Deus obrava por seus méritos e por sua intercessão. Dotado do dom de línguas e do de profecia, renovou nestes últimos tempos as mesmas maravilhas que se admiraram nos primeiros séculos da Igreja. Estava enfermo um filho de uma senhora romana chamada Gutadona; deixou-o só a mãe para ir ouvir o santo e, quando voltou do sermão, encontrou-o morto. Não se perturbou nem se afligiu a piedosa senhora com aquele sucesso; antes, cheia de confiança em São Domingos, tomou o menino nos braços e ela mesma o levou e pôs aos pés do santo, que, compadecido daquele acidente, depois de uma breve oração, tomou o cadáver pela mão e entregou-o vivo à sua mãe. Estava um dia visitando o cardeal Estêvão, a cujo aposento haviam também concorrido outros dois cardeais, quando de repente entraram a dizer ao cardeal que seu sobrinho Napoleão acabava de morrer desgraçadamente, precipitado de um cavalo. Ao ouvir o tio tão funesta notícia, caiu desmaiado nos braços de nosso santo. Trouxeram o cadáver ao palácio do cardeal; pôs-se Domingos em oração; foi ouvido; ressuscitou o jovem; e ele próprio, já cheio de saúde, foi dar esta alegre notícia a seu aflito tio. Trabalhando no convento de São Sisto, ficou esmagado e sepultado um oficial debaixo de

uma parede que desabou sobre ele, e São Domingos logo o restituiu à vida, à vista de toda Roma. Sendo tão poderoso em obras e em palavras, não é de maravilhar que, quando saía em público, lhe cortassem à porfia alguma parte do hábito ou da roupa.

Estava tão acostumado às frequentes visitas de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem que sua oração era um êxtase contínuo. Apareceu-lhe numa oração o Salvador, irritado pela dissolução geral dos costumes e a ponto de sacrificar à sua justiça todos os pecadores; mas a Mãe de misericórdia pôs diante de seu Filho Domingos e outro fiel servo seu, pedindo-lhe que se apiedasse dos que o ofendiam em consideração àqueles dois justos. No mesmo dia encontrou nosso santo São Francisco e conheceu ser o mesmo que a Virgem havia apresentado com ele a seu irado Filho, estreitando-se desde aquele dia uma santa e terna união entre os corações dos dois grandes patriarcas.

Havia tempo que iam faltando as forças a Domingos, consumidas pela violência dos ardores do divino amor e debilitadas pelo rigor de suas penitências e pelo incessante trabalho de suas fadigas apostólicas, quando o céu o consolou com o alegre aviso do ditoso momento em que havia de dar princípio à sua eterna felicidade. Sua última enfermidade não foi longa, mas foi exemplar. Sua paciência, sua doçura, sua alegria e sua devoção admiravam e enterneciam seus filhos, que estavam inconsoláveis, vendo-se em vésperas de perder seu amantíssimo pai. Enfim, tendo-os consolado e exortado à exata observância de suas regras, quis morrer estendido sobre a cinza; e numa sexta-feira, 6 de agosto de 1221, rendeu seu bem-aventurado espírito a seu Criador, tendo somente 51 anos de idade, mas cumulado de merecimentos. Achou-se o santo corpo cingido com uma cadeia de ferro. Foram seus funerais como que prelúdio de sua canonização. O cardeal Hugolino, legado da Santa Sé e depois papa com o nome de Gregório IX, fez a cerimônia da sepultura, acompanhado do patriarca de Aquileia e de muitos outros bispos; mas a multidão de milagres que o Senhor obrava a cada dia em seu glorioso sepulcro não deu lugar a que ficasse por muito tempo enterrado aquele precioso tesouro. Doze anos depois de sua morte foi o santo corpo levantado da terra; e, pouco depois, o papa Gregório IX, que fora testemunha ocular das principais ações dos últimos anos de sua vida e se achara presente quando ressuscitou Napoleão, canonizou-o solenemente, no dia 13 de julho do ano de 1234, com as cerimônias costumadas. Por cair no dia de sua morte a festa da Transfiguração do Senhor, fixou-se no dia 4 de agosto a de São Domingos, por ordem expressa do papa Paulo IV.

Martirológio Romano

Em Bolonha, São Domingos, espanhol, confessor, fundador da Ordem dos Pregadores, varão ilustre por sua santidade e doutrina, que guardou a mais íntegra castidade e, por seus méritos, ressuscitou três mortos. Depois de ter reprimido as heresias com suas pregações e instruído muitas pessoas na vida religiosa e na piedade, morreu em paz no dia seis deste mês, embora se celebre hoje sua festa em virtude de uma constituição do papa Paulo IV.

Em Tessalônica, a festa de Santo Aristarco, discípulo e companheiro inseparável do apóstolo São Paulo, que dele fala escrevendo aos Colossenses: «Aristarco (diz o Apóstolo), meu companheiro de

cativeiro, vos saúda.» Tendo sido este santo ordenado bispo dos tessalonicenses pelo mesmo Apóstolo, e tendo padecido muito e por longo tempo sob Nero, teve contudo uma morte tranquila e alcançou de Jesus Cristo a sua coroa.

Em Roma, na via Latina, o suplício de São Tertuliano, presbítero e mártir, sob o imperador Valeriano. Depois de o terem cruelmente espancado, queimado nos lados, esmagado os queixos, estendido no potro e açoitado com varas, cortaram-lhe a cabeça, lavrando-lhe assim a coroa do martírio.

Em Constantinopla, Santo Eleutério, mártir, da ordem senatorial, que, durante a perseguição de Maximiano, pereceu ao fio da espada pela fé de Jesus Cristo.

Na Pérsia, Santa Ia e companheiras, mártires, que, sob o rei Sapor, depois de terem padecido diferentes tormentos, foram martirizadas com nove mil cristãos cativos.

Em Colônia, São Protásio, mártir.

Em Verona, Santo Agábio, bispo e confessor.

Em Tours, Santo Eufrônio, bispo.

Em Roma, Santa Perpétua, que, tendo sido batizada pelo apóstolo São Pedro, converteu a Jesus Cristo seu filho Nazário e seu marido Africano, e deu sepultura aos corpos de muitos santos mártires, entregando por fim a Deus sua alma cumulada de méritos e boas obras.

No Maine, os santos mártires Macorato, Peregrino e Vivenciano.

Na Saintonge, São Frião, bispo.

Em Lieu-Notre-Dame, perto de Romorantin, na Sologne, a beata Clara, virgem da Ordem cisterciense.

Em Soissons, Santa Sigrada, viúva, religiosa da abadia de Nossa Senhora.

Em Auxerre, São Morino, bispo.

Em Jerusalém, São Filipe, nono bispo da dita cidade.

No Egito, São Ptolomeu de Mênfis, mártir.

Na Etiópia, São Moisés, bispo de Axum.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui Ecclesiam tuam beati Dominici confessoris tui illuminare dignatus es meritis et doctrinis, concede, ut ejus intercessione temporalibus non destituatur auxiliis, et spiritualibus semper proficiat incrementis. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes ilustrar a vossa Igreja com os méritos e com a doutrina do bem-aventurado São Domingos, vosso confessor; concedei-nos que, por sua intercessão, ela nunca seja destituída dos auxílios temporais e aproveite a cada dia mais nos aumentos espirituais. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, capítulo 4.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a

minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Nota

«Escreveu São Paulo esta epístola a seu amado discípulo não só para chamá-lo para junto de sua pessoa, mas para alentá-lo nas fadigas e trabalhos do ofício pastoral. Faz-lhe várias advertências acerca dos falsos doutores e dos hereges daquele tempo, os simonianos, os gnósticos e os que se haviam de levantar depois deles, cujo caráter pinta vivamente; e, sobretudo, exorta-o ao sagrado ministério da pregação.»

Reflexões

Para pregar, são precisos estudo, ciência e talento; mas, para pregar com fruto, são ainda mais necessários virtude, paciência e zelo. Os erros do entendimento são a maior prova de estar corrompido o coração do homem. Aquelas trevas nascem sempre de um mau fundo. São de má qualidade os vapores ou as névoas que as ocasionam, e não é fácil dissipá-las; porque o coração tem sempre muita parte no desvario intelectual dos hereges. Produz-lo a paixão, e ela mesma o sustenta. É preciso muito zelo para empreender a cura de um cego voluntário; além do zelo, necessita-se muita habilidade, muita paciência e virtude ainda muito maior. O primeiro efeito que causa o erro voluntário é tornar ingrata e desagradável a verdade; este desgosto é sempre sinal de que a alma está desconcertada e enferma. Não seria incurável o mal, se o enfermo quisesse sarar; mas a obstinação é o constitutivo essencial da heresia, assim como a heresia é sempre filha do orgulho. É mortal a enfermidade e, por conseguinte, dificultosa a cura, para a qual se necessita uma mão hábil, sábia, que insista e não desanime. Há de pregar-se a verdade sem dissimulação, mas com brandura; há de clamar-se contra o erro e contra o vício com zelo, mas sem amargura e sem paixão. A alma de nosso zelo há de ser sempre uma caridade pura, sincera e distante de toda afetação. São poucos os hereges de algum entendimento que não estejam convencidos; mas são muito menos os que se convertem, porque nem sempre está no entendimento a causa do mal. Mais persuade um pregador com os exemplos do que com as palavras e com os discursos; a estes, bem ou mal, pode-se replicar; aqueles não admitem réplica. Quando a santidade da doutrina não se sustenta com a santidade da vida, pouco alumiam os seus raios, porque despedem uma luz muito débil e meio amortecida. O procedimento do pregador há de predispor os ânimos em favor de sua moral. Antes que Cristo começasse a pregar, começou a obrar. A vida delicada, mundana e pouco mortificada de um pregador debilita estranhamente sua eloquência. Ninguém se persuade de que ele próprio crê no que prega, quando o veem fazer tudo ao contrário do que diz.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Da palavra de Deus

Primeiro ponto

Considera que nunca se anunciou a palavra de Deus no cristianismo com maior frequência do que em nossos dias; mas é igualmente certo que nunca foi mais estéril, nem frutificou menos entre os cristãos este divino grão, semeado com tanta abundância no campo da Igreja. Qual será a causa desta esterilidade da palavra de Deus, e a quem se deverá imputar? À própria palavra que se semeia? Aos pregadores que a derramam? Ou aos ouvintes que a recebem? Atribuí-lo à própria palavra de Deus seria injustiça; porque não tem hoje menos virtude do que tinha no tempo dos apóstolos, quando um só sermão de São Pedro converteu três mil pessoas. Serão causa desta

desordem os pregadores? Bem pode ser; pois, como diz o Apóstolo, há alguns que a têm cativa; outros que a tornam mercenária e que, por assim dizer, comerciam com ela para granjear não sei que conceito e vã reputação. Também é possível que os costumes de alguns se oponham à doutrina que pregam. Mas, apesar disso, não tem Deus ligada a eficácia de sua palavra nem ao mérito, nem à santidade dos pregadores; ela obra por sua própria virtude, sem depender da intenção do ministro. Se estes a profanam, a si mesmos se pervertem; mas nem porque se pervertam a si deixam de santificar a outros. Contanto que o terreno seja de boa qualidade e esteja bem cultivado, pouco influi em sua esterilidade a habilidade do semeador. Logo, se a palavra de Deus frutifica tão pouco em nossos corações, a nós mesmos devemos lançar a culpa. Mas quantas reflexões devemos fazer, e quantas consequências devemos tirar desta lastimosa esterilidade! Pregou-se esta mesma divina palavra aos gentios mais obstinados, aos mais corrompidos, e converteram-se. Prega-se hoje em dia às nações mais grosseiras, às mais bárbaras, e convertem-se. Pregam-se a nós as mesmas verdades, os mesmos dogmas, a mesma doutrina; e quantas conversões se veem? Uma vez convencido o entendimento, depressa se reforma o coração; e a esta reforma segue-se, como efeito necessário, a mudança dos costumes. Sem dúvida é muito pouco dócil o nosso entendimento, e não devemos crer em nada do que se nos prega, quando é tão pouca a nossa emenda; e, se não o cremos, por que nos chamamos fiéis?

Segundo ponto

Considera que esta inutilidade ou esterilidade da palavra de Deus parece que só pode nascer de três princípios: ou de que não se gosta dela, ou de que dela se abusa, ou de que a ela se resiste. Não gostar da palavra de Deus costuma ser o defeito das almas tíbias. Abusar da palavra de Deus é o vício das almas vãs. Resistir à palavra de Deus é o caráter dos pecadores empedernidos. O desgosto é indício do desconcerto interior, da enfermidade habitual de uma alma a quem Deus começa a lançar fora de seu coração, se é que, por desgraça dela, já não a lançou. Quando se tem fome espiritual de um manjar tão necessário e tão precioso, é sinal de boa saúde na alma, como o é no corpo a fome dos alimentos sólidos e substanciais que lhe convêm; mas, pelo contrário, o fastio e a repugnância a estes, tanto na alma como no corpo, são sinal de morte próxima. O abuso da palavra de Deus é uma profanação tanto mais torpe, e até tanto mais sacrílega, quanto toma por objeto o meio mais seguro e talvez o remédio mais eficaz que Deus tem para converter-nos. Resistir à palavra de Deus é resistir ao próprio Espírito Santo; é como que obstinar-se em rebater todas as mais fortes impressões da graça. Que esperança pode restar da conversão de um pecador, quando ele próprio sufoca e apaga a luz que o podia iluminar, o sagrado fogo que o podia acender e os espíritos que lhe podiam dar vigor, sem o que é inevitável a morte da alma? O único recurso que restava a este pobre pecador era a palavra de Deus. Os primeiros não a ouvem, porque dela não gostam. Os segundos a ouvem, mas não como palavra de Deus, e por isso dela abusam. Os terceiros a ouvem, e a ouvem como palavra de Deus; mas não a querem praticar, e por isso lhe resistem. Senhor, que maior cegueira! Não há desordem mais comum nem mais universal. Quantas vezes não quiseste ouvir a palavra de Deus! Este desgosto prova o mau estado de tua alma; mas deu-te ele alguma pena? Quantas vezes ouviste a palavra de Deus sem tirar fruto dela! E um abuso que tanto te deveria atemorizar deu-te algum cuidado? Quantas vezes lhe resististe! E este sinal de reprovação sobressaltou-te muito? Com tudo isso, estás tranquilo; mas quem te dá essa segurança? Ó Senhor, que conta tão terrível nos espera no grande dia de vossa

justiça!

Tremo, meu Deus, quando considero o desgosto com que olhei, o muito que abusei e a resistência que fiz à vossa divina palavra. Dignai-vos, Senhor, ter piedade desta alma que redimistes a tanto custo vosso; e, pois que vossa divina palavra ainda tem tanta força para mim, pois que ainda me apresentais este salutar pão, dignai-vos conceder-me a graça de que me sustente e me aproveite de tão precioso alimento.

Jaculatórias

> *Beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* Lc 11.

Bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam.

> *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitis meis.* Sl 118.

Vossa palavra, Senhor, é a tocha que governa os meus passos e a luz que me descobre o caminho real que devo seguir.

Propósitos

1. Crê-se não poucas vezes que já está tudo feito quando alguém se sente movido no sermão; e, contudo, pode-se dizer que nunca nos resta mais por fazer. Da parte de Deus, que te chama e te brinda com sua graça, está tudo feito; mas da tua, nada se fez. A ti cabe seguir a voz do Pastor que te convida e fazer render o talento que ele pôs em tua mão. Tem, pois, cuidado, depois do sermão, de recolher aquela centelha de fogo que caiu sobre tua alma; conserva-a com a meditação, fomenta-a com a leitura de algum bom livro, em vez de dissipar o espírito indo logo meter-te nos negócios do mundo. Vai ao sermão com fome da palavra de Deus; ouve o pregador como a um arauto do Senhor, que vem publicar sua lei e intimar-te sua vontade; com que respeito, com que docilidade o deves ouvir! Nunca se repara se quem publica as ordens do rei tem boa voz, se é eloquente, se é persuasivo, se se explica bem; só se aplica a atenção ao que ele intima; tenha-se-lhe ouvido ou não, as ordens do príncipe obrigam igualmente, e a quem as desobedecesse não se admitiria a escusa de não as ter ouvido. Aplica a ti estas verdades práticas.

2. Acode aos sermões com prontidão e com frequência, tendo presente que talvez estivesse ligada a graça de tua conversão àquele sermão que perdeste por culpa tua. É a palavra de Deus aquele misterioso grão de que fala o Salvador do mundo. Guarda-te bem de ser do número daqueles que

estão perto do caminho e deixam que os transeuntes pisem o divino grão, ou que o comam as aves, por não estar bem enterrado, ficando na superfície da terra. Procura que não seja teu coração aquele terreno seco e pedregoso em que o mesmo grão seca por falta de suco e de umidade, ou aquele terreno bravio em que é sufocado. Seja teu coração uma terra de boa qualidade e bem cultivada, em que o grão frutifique, dando cem por um. Considera bem o muito que perdes e o perigo a que te expões, se não tiras fruto da palavra de Deus. Assiste a ela com frequência, com respeito, com humildade e com devoção; nunca saias do sermão sem algum fruto particular. Os propósitos vagos são de ordinário inúteis. Determina o vício ou o defeito de que te hás de corrigir, ou a virtude que hás de praticar.

[^1]: Depois que isto se escreveu, deu ela à Sé Apostólica outro papa, e aumentou consideravelmente o número de cardeais, arcebispos e bispos. *(Nota da edição espanhola.)*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:04 by Admin